

Literatura/cultura portuguesas na imprensa paulista-1900-1922

Rosane Gazolla Alves Feitosa

Universidade Estadual Paulista–Assis

Índice

1. Introdução	1
2. O periódico– <i>O Estado de S.Paulo</i>	3
3. Revista <i>A Vida Moderna</i>	6
4. Bibliografia	9

Resumo

Partindo da reflexão do crítico brasileiro, Antonio Candido, (*Literatura e sociedade* (1975) que propõe a caracterização das diferentes etapas da literatura brasileira, adotando como critério a participação da literatura na comunidade independente do lugar de origem, a proposta deste artigo é uma análise dos periódicos paulistas *O Estado de S. Paulo* e *A Vida Moderna*, para avaliar em que medida a literatura/cultura portuguesa teve uma “[...] participação na vida social e espiritual da cidade de São Paulo.” (p.139), verificada por meio de textos: 1) de autores portugueses; 2) que interagem com estes textos (1); 3) sobre a vida sócio-cultural portuguesa.

1. Introdução

Este texto toma como ponto de partida a seguinte reflexão: “[...] há uma história da literatura que se projeta na cidade de São Paulo; e há uma história da cidade de S. Paulo que se projeta na literatura.”, reflexão esta feita pelo crítico brasileiro, Antonio Candido (n.1918...), no capítulo em que estuda “A literatura na evolução de uma comunidade”, da obra *Literatura e sociedade* (1975, p.139-67). Candido propõe a caracterização das diferentes etapas da literatura brasileira, adotando como critério a participação da literatura na comunidade, independente do lugar de origem

Segundo Antonio Candido, a cidade de São Paulo apresentava características peculiares e talvez “[...] sua influência marque literariamente os que nela vivem, de modo mais forte que as do lugar onde nascem.” (p.139).

Com base em tal afirmação, a proposta do presente trabalho, que aborda o tema _ literatura/cultura portuguesa na imprensa periódica paulista (1900/1920) _ é empreender uma análise dos periódicos paulistas *O Estado de S. Paulo* e *A Vida Moderna*, para avaliar em que medida a literatura/cultura portuguesa teve uma “[...] participação na

vida social e espiritual da cidade de São Paulo.” (p.139). Esta participação será verificada por meio da presença de: textos literários escritos por: 1) autores portugueses; 2) por aqueles que remetem a esses textos e respectivos autores; 3) como também por meio da presença dos textos que comentam sobre a vida sócio-cultural portuguesa. Com esta pesquisa, procuramos verificar quais autores/textos portugueses realizaram uma incorporação efetiva da literatura à vida da comunidade paulistana.

A caracterização dada à literatura brasileira produzida nesse momento cultural de transição de início de século, nos anos de 1900/1922, está ainda mal definida pelo termo “pré-modernista”, criado por Tristão de Ataíde em 1932. Segundo o professor e estudioso brasileiro, Alfredo Bosi, sua caracterização pode ser vista com base em dois sentidos: “1º) dando ao prefixo ‘pré’ uma conotação meramente temporal de anterioridade; 2º) dando ao mesmo elemento um sentido forte de precedência temática e formal em relação à literatura modernista.” (1967: 11). Sob certa perspectiva, as obras pré-modernistas contêm traços conservadores que realimentam antigas formas de sensibilidade do leitor, mas, se examinadas a partir dos modernistas de 1922, pode-se dizer que antecipam algumas de suas inovações, configurando uma história viva das idéias e dos problemas que emergiram no processo de transformação por que passavam os paulistas, e que, de certa forma, refletiam a realidade de algumas regiões do país.

Como diz Antonio Candido:

[...] a literatura brasileira no século XX se divide quase naturalmente em três eta-

pas: a primeira vai de 1900 a 1922, a segunda de 1922 a 1945 e a terceira começa em 1945. [...] sob esse ponto de vista o século literário começa para nós com o Modernismo. Para compreendê-lo, é necessário partir de antes, isto é da fase 1900-1922. (p.112). [...] o Modernismo é, de todas as nossas correntes literárias, a que adquiriu tonalidades especificamente paulistanas. (p. 165)

Nesse período de 1900-1922, entre a literatura e a cidade, jornais como *O Estado de S.Paulo* (1875/1890...), a revista *A Vida Moderna* (1907-1929), ambos de grande circulação, intermediam a produção literária e a vida sócio-política paulista. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é contribuir para o estudo da história da literatura luso-brasileira, mais especificamente, verificar a presença da literatura/cultura portuguesas nesse período convencionalmente denominado “Pré-modernismo”, em que se evidencia o esforço da intelectualidade da época para tentar compreender o Brasil.

O presente texto está vinculado a dois projetos de Iniciação Científica: “A recepção crítica e literária da literatura portuguesa em *O Estado de S.Paulo-1900-1911*” (financiamento FAPESP) e “A recepção crítica e literária da literatura portuguesa em *O Estado de S.Paulo-1912-1922*” (financiamento FAPESP). O primeiro projeto resultou na dissertação de mestrado, “Ruptura ou tradição? A crítica e a literatura portuguesa em *O Estado de S.Paulo* no Pré-modernismo brasileiro-1900-1911” (desenvolvida na USP e defendida em abril/2007, com financiamento FAPESP); o segundo projeto resultou no catálogo-“Literatura Portuguesa”, publicado no site

www.cedap.assis.unesp.br/publicacoes/literatura_portuguesa/literatura_portuguesa.html do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa- CEDAP-, da Faculdade de Ciências e Letras- UNESP/Assis. Este texto também está vinculado à dissertação de mestrado: “A Vida Moderna (1907-1922), o periódico-vitrine da cidade de S.Paulo: tempos de modernidade com um leve toque português” (financiamento CNPq, defendida em fevereiro/2007). Os dois últimos projetos, sob minha orientação, foram desenvolvidos na FLC-UNESP/Assis. Todos estes trabalhos estão inseridos no Grupo de Pesquisa “Memória e Representação Literária”, no projeto _ Arquivos da Memória Literária e Cultural da América Latina/Lusa .

2. O periódico—*O Estado de S.Paulo*

No momento estudado, jornais, e em seguida revistas, tornam-se instrumentos correntes de informação, consignando-se aos primeiros as notícias de teor político e de divulgação imediata. O novo gênero_ periódico_ consolida-se como ramo expressivo da imprensa, mais do que isso, passa a ser disputado por escritores reconhecidos, que têm, nas páginas avulsas do jornal, o espaço alternativo para divulgação de seus escritos. (MARTINS, 2001, p.38)

Dos jornais paulistanos, poucos tiveram uma existência longa. Até 1915, ainda estavam em atividade ininterrupta, o *Correio Paulistano* (fundado em 1854); a *Província de S. Paulo*, atual *O Estado de S. Paulo* (1875); *Diário Popular* (1884) e *A Platéia*

(com subtítulo *Diário da Tarde*-1888). (Freitas, 1915:18)

O jornal *A Província de S. Paulo*, fundado em 1875, a princípio, francamente republicano, teve como primeiros redatores, Francisco Rangel Pestana e Américo Brasilio de Campos, trabalhando este até 1884, quando se desligou do jornal, juntamente com o português José Maria Lisboa, que exercia o cargo de administrador da empresa. Ambos foram substituídos por Alberto Salles, e este sucedido por Julio Mesquita, em 1891, cargo ocupado até sua morte em 1927. Após a proclamação da República (15/11/1889), o jornal, passou a denominar-se *O Estado de S. Paulo*, em janeiro de 1890.

Júlio de Mesquita, filho de comerciante português chegado ao Brasil na metade do século XIX, vivenciou as mudanças estruturais da imprensa e esteve sempre atento às inovações tecnológicas. Estas condições proporcionaram ao jornal resultados significativos: aumento da tiragem do jornal, queda do preço do exemplar, dinamização na distribuição e posse do maior parque gráfico ao sul do equador. Em 1910, sob a direção de Mesquita, *O Estado* firmava-se como um dos mais importantes jornais do país. Quanto à tiragem, houve grande aumento: em 1888, com 4 mil exemplares diários, disputava a liderança local. A seqüência da evolução pode ser assim descrita: 1901, 12 mil; 1908, 18 mil; 1912, 35 mil; 1916, 45 mil; 1917, 52 mil. O jornal possuía no interior dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina cerca de 543 correspondentes e agentes comerciais (p.4). Por volta de 1916, tinha correspondentes próprios em Lisboa, Roma, Paris, Londres, Washington e Buenos Aires. Quando Julio Mesquita morreu em 1927, o jornal atingiu a tiragem

de 60 mil exemplares diários. Na época, a cidade tinha 570 mil habitantes, sendo mais da metade constituída de analfabetos.

A partir dessa contextualização histórica, este texto vai procurar enfatizar o período de 1900 a 1911, considerado pela pesquisa, o período em que se concentra um volume maior de publicações de artigos sobre literatura portuguesa no referido jornal. O ano de 1910 representa um momento em que *O Estado de S. Paulo* já se firmara como uma grande empresa do setor de comunicações.

O regime republicano havia provocado uma debandada de jornalistas na direção do serviço público, começando pelo diretor de redação, Francisco Rangel Pestana. De acordo com Caldeira (2002, p.28), Julio Mesquita contratou emigrados portugueses, especialmente para os importantes cargos de revisores e normatizadores da produção; contou com a colaboração direta e indireta de escritores e jornalistas portugueses, como Maria Amália Vaz de Carvalho, Ramalho Ortigão, Pinheiro Chagas, Mariano Pina, Guilherme de Azevedo, Fialho de Almeida, Abel Botelho, Jaime Batalha Reis. Outros nomes portugueses menos famosos na época, também colaboraram ativamente: Gaspar da Silva (visconde de S. Boaventura), Carlos Malheiro Dias, Antonio Maria Bettencourt, João Luso, João Grave, Visconde de Santo Thyrsó, conde de Sabugosa, Filinto de Almeida, Carolina Michaelis, Ricardo Severo, Lobo d'Avila Lima.

2.1. Seções do jornal

Com a diagramação bem próxima a do jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, *O Estado de S. Paulo*, contando com 8 a

30 páginas, apresentava as seguintes colunas fixas:

- a) “Folhetim”, localizada na primeira página, seguindo a disposição da página do jornal carioca acima referido. Nessa página eram divulgados em capítulos, textos literários de autores conhecidos do grande público;
- b) “Jornais do Rio” em que se fazia comentários sobre os jornais e notícias publicados no Rio de Janeiro;
- c) “Notas e Informações”, incluía notícias sobre acontecimentos sociais da cidade;
- d) “Notícias Diversas”, sobre o cotidiano, crimes;
- e) “Notícias do Interior e do Litoral” ou “Telegramas” sobre as cidades interiores paulistas;
- f) “Notícias de Minas”;
- g) “Notícias do Paraná”;
- h) “Exterior”, notícias rápidas sobre os vários países da Europa, inclusive Portugal;
- i) “Notícias da Europa”, reportagens maiores sobre diversos países europeus, notícias estas que chegavam de navio;
- j) “Falecimentos”, informava os óbitos de São Paulo, Rio de Janeiro e Lisboa;
- k) “Fora da Pátria”, sobre política estrangeira;
- l) “Movimento Associativo”, agremiações e associações beneficentes, teatrais;

- m) “Palcos e Circos” sobre teatro, peças e autores de São Paulo, Rio de Janeiro e Portugal;
- n) “Do meu e do Alheio”, sobre política e assuntos gerais;
- o) “O que há de novo”, sobre política brasileira;
- p) “Tribunais”, sobre poderes jurídicos;
- q) “Sport”, turf, futebol e esportes em geral;
- r) “Ônibus”, sobre várias informações cotidianas;
- s) “Fluminenses”, de autoria de João Luso, noticiava assuntos sobre o Rio de Janeiro e, às vezes, sobre literatura;
- t) “Classificados”;
- u) “Propaganda”. (Cf. Müller, 2007).

Dentre essas vinte e uma seções fixas, quatro continham maior quantidade de literatura:

- a) “Divagações”, assinada pelo professor de português paulista, Sílvio de Almeida, às segundas-feiras, tratava de assuntos variados, como poética, literatura brasileira, portuguesa, francesa, ciências, lingüística, astronomia;
- b) “Crônicas Portuguesas”, escrita pelos portugueses, João Grave, Dr. Bettencourt Rodrigues, Lobo d’Ávila Lima, lente da Universidade de Coimbra e Abel Botelho, escritor naturalista. Havia ainda a seção cultural

- c) “Artes e Artistas” sobre pintores, músicos, atores e autores diversos; d) “Folhetim”, apresentando, geralmente, textos de autores estrangeiros traduzidos para o português

A leitura de folhetins parece que era bastante apreciada pelo público, pois no período de 1900-1922, *O Estado de S. Paulo* publicou, ininterruptamente, 45 romances-folhetins, (Cf. Del Fiorentino, 1982, p.124-5), sendo a maior parte de autores estrangeiros traduzidos. Dentre os que tiveram mais de uma obra publicada, destacam-se: Alexandre Dumas, pai (francês-1802-1870)-06 textos; Enrique Perez Escrich-(espanhol-1829-1897) (06); D. Manuel Fernandez Y Gonzalez (02); Xavier Aymon, conde de Montépin-1823-1902)-(03); Ponson du Terrail (Pierre Aléxis, Conde Ponson du Terrail-francês, 1829/1871- criador do célebre personagem Rocamboles)-(03). Dentre todos estes, aparecem dois folhetins de autores portugueses: *Selvagem*, de A. Carlos Ferreira, publicado no início de 1900 e *As duas fiandeiras*, de Francisco Gomes de Amorim, de março a abril do mesmo ano. Foram publicados ainda os romances de: Elias Berthet (em 1900); Emilio Castelar (em 1902); Eugène Sue (1903); Camille Bonheur (1906); Álvaro Carrillo (1914) e Walter Scott (em 1920). (Cf. Del Fiorentino, 1982, p.115-6.)

2.2. Matérias e autores veiculados

No período de 1900-22, contam-se um total de 241 matérias, que segundo Rabaça e Barbosa (1995, p.390) seria “[...] tudo o que é publicado, ou feito para ser publicado, por um jornal ou revista, incluindo

textos e ilustrações. Tanto o original de qualquer artigo, notícia, crônica, nota, etc; [...]” (Cf. Müller, 2007, p.108). Destas, a notícia, que é o relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade e capaz de ser compreendido pelo público e de envolver atualidade, veracidade, oportunidade, interesse humano, raridade, curiosidade, importância e consequências para a comunidade, etc, pode ser destacada com 84 ocorrências, seguida da divulgação/transcrição de poema (79), e de artigo (34).

Pela frequência nessas matérias, os cinco primeiros autores citados eram: Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueiro, João Penha; nas obras citadas destacam-se: *Os Lusíadas* (Camões), *O crime do padre Amaro*, *A relíquia*, *As Farpas*, (Eça de Queirós), *História de Portugal* (Oliveira Martins); os temas recorrentes indicavam: publicação de poemas (inéditos ou não); homenagens (a autores portugueses, bem como textos de pequenos discursos ocorridos em cerimônias, notícias de construção de monumentos); lançamentos de livros (comentários ou pequenas resenhas críticas); comentário/análise de obras. Dentre os cinco principais articulistas, podem ser destacados: o jornalista português, Gaspar da Silva, (G. S.)-Visconde de S.Boaventura, correspondente do OESP em Portugal, com 166 matérias, seguido pelo paulista, Sílvio de Almeida, com 21 matérias.

Na seção “Divagações”, à guisa de balanço, pode-se perceber “[...] claros esforços em aproximar ambos países e sobretudo estreitar os laços culturais que os uniam [...], e também “[...] uma forte presença dos discursos cientificistas aplicados às matérias para justificar uma pretensa ‘supremacia’ da

raça e da literatura lusitanas” (Müller, 2007, p.167):

Porque o merecimento dos homens pouco depende da instrução, porém muito da sua força intelectual. Apesar dos sofismos do igualitarismo, incapaz de veneração, todos não são iguais, ainda na igualdade das condições de meio, lugar e tempo: assim o século dezesseis [...] fez surgir apenas um Camões” (“Divagações”, 04 maio, 1908, p.1)

Tomando o ano de 1910, por amostragem, verifica-se um total de 14 artigos sobre literatura portuguesa publicados na seção “Divagações”, ocupando esta de duas a três colunas na primeira página do jornal com assinatura de Sílvio de Almeida, famoso escritor paulista, professor de português e dono de colégio, na época. Nessa seção, encontramos comentários, ligeira crítica literária, resenha crítica acerca de autores portugueses diversos, tais como: Cristovam Falcão, Camões, Bernadim Ribeiro, António Vieira, Garrett, Alexandre Herculano, Antero de Quental, Eça de Queirós, Abel Botelho. O articulista também incluía nessa seção crítica de livros, como por exemplo, o de Maria da Cunha Cândido de Figueiredo, *Trindades*; o de Carolina Michaelis de Vasconcelos, *Estudos sobre o Romancero Peninsular* e o livro de poemas da referida autora.

3. Revista *A Vida Moderna*

“Nesse terceiro momento [1900-1922], a literatura torna-se acentuadamente *social*, no sentido mundano da palavra. Manifesta-se na atividade dos profissionais liberais, nas revistas, nos jornais, nos salões que então

aparecem.” (Candido, 1975:158). Num momento de modernização da cidade de S. Paulo, mudavam-se os hábitos, preocupava-se com a elegância. A nova classe social burguesa, “[...] recém –formada, que refinava os costumes segundo o modelo europeu, envernizada de academismo, decadentismo e art-nouveau.” (Candido, 1975, p.158). A literatura vai tornar-se manifestação desta nova classe e se torna uma atividade social, na medida em que deixa de ser uma manifestação grupal e é absorvida pela comunidade, “[...] definida segundo os padrões da gente culta, incorporada à classe dominante e dispersando-se a partir dela pela população.” (p. 158)

Nesse período, as revistas tiveram um papel essencial no Brasil, em função da própria imprensa no país. “Foi naquele período que surgiu a idéia de revista como negócio. Vingavam as de consumo. Revistas literárias eram conhecidas por durar pouco tempo, daí a inserção da literatura em outros tipos de publicação.” (Martins, 2001, p. 4).

Um exemplo desse tipo de publicação é a revista *A Vida Moderna* (1907-1929), periódico muito importante na época. Inovador, com organização bem estruturada; um corpo editorial bem composto; jornalistas enviados aos principais estados brasileiros (Rio de Janeiro, Minas Gerais) ; na direção grandes nomes: em 1907, Arthur Reis Teixeira e a partir de 1913, o português Garcia Redondo, que era diretor e redator chefe; em 1916, Simões Pinto assumiu a função de diretor literário; em 1918, Moacyr Piza o substituiu e permaneceu até 1922. A revista ainda mantinha laços editoriais com o grupo de *O Estado de S.Paulo*, e, paulatinamente foi sendo modernizada, constituindo-se em um

empreendimento comercial de sucesso como mostra Moraes. (2007).

A revista *A Vida Moderna* media 19cm x 28cm, tinha mais ou menos 40 páginas por exemplar, divididas em duas ou três colunas, porém, este número oscilava bastante. Sua periodicidade começou em 1907 como quinzenal, durante o período de 1912 a 1914 passou a ser semanal, e, a partir de 1915, voltou a ser quinzenal até o fim de sua publicação em 1929, com um total de 533 exemplares publicados.

O conteúdo era variado. Trazia muitas biografias de figuras relacionadas à Política, Artes, Ciências, História, além de comentários sobre empreendimentos industriais e comerciais de São Paulo; produtos novos, geralmente relacionados à higiene e à beleza; fazia coberturas de festas, eventos, Primeira Guerra Mundial e esportes da classe social paulista mais alta, mostrando personalidades da sociedade e do meio político, além de fatos e comentários sobre bares, salões e teatros. O tema _ política _ era presença constante por meio de fotos e notícias sobre os prefeitos, governadores, presidentes ou sobre candidatos a cargos políticos e sobre suas respectivas famílias, tema este reforçado e ironizados pelas charges. (Cf. Moraes, 2007)

O periódico era considerado moderno, ao mostrar conteúdos iconográficos em praticamente todas as suas páginas. Trazia muitos desenhos, caricaturas, charges, vinhetas e histórias em quadrinhos, mas principalmente fotografias que eram a grande “moda” para a época e *A Vida Moderna* trazia muitas vezes fotos de páginas inteiras. Hoje essa revista é uma das fontes iconográficas mais requisitadas para pesquisa e divulgação desse período do início de século paulistano.

Apesar dessa revista apresentar-se como de variedades e, aparentemente sem qualquer compromisso com a literatura, a presença de textos literários foi constante e intensa em suas páginas. Werneck Sodré, historiador brasileiro da imprensa, afirma que, a partir do início do século XX, a literatura alcança uma maior presença no conteúdo das revistas denominadas de variedades.

As revistas ilustradas, aparecendo na fase em que imprensa e literatura se confundiam e como que separando, ou esboçando a separação entre as duas atividades, submeteram-se, inicialmente, ao domínio da alienação cultural então vigente, buscando emancipar-se depois ao se tornarem principalmente mundanas, e até femininas umas, e principalmente críticas outras. (Sodré, 1999, p. 32).

Todo periódico que se prezasse tinha suas seções literárias. *A Vida Moderna* não era diferente e possuía uma quantidade considerável de literatura em seu conteúdo como a seção de crônicas, que mudou de nome por várias vezes sob os títulos *Crônica*, *Chroniqueta*, *Crônica do Rio*, *Chronica Fotográfica*, *Ver e Falar*, *Moscas e Cabelos Moscas*, *Sol de Portugal* e, algumas vezes, aparecia sem título específico. Essa seção foi uma das poucas que pode ser considerada permanente e que esteve presente em todos os exemplares, aparecendo muitas vezes na página do expediente, ocupando cerca de uma coluna e meia a duas colunas, mas também aparecendo ao longo da revista, chegando a apresentar até quatro crônicas por exemplar. Era assinada por vários autores e não possuía ilustrações. (Cf. Moraes, 2007)

Nesta seção destacavam-se as crônicas publicadas sob o título “Sol de Portugal”, assinadas sempre por Orlando Marçal, em

alguns exemplares da revista, durante os anos de 1914 e 1915, sempre com lugar de destaque, geralmente no centro da revista, ocupando-se da vida política e social de Portugal.

A poesia era uma constante na revista e apesar de representar cerca de 70% da parte literária da revista, muitas vezes não era publicada em uma seção específica, mas aparecia sob o título “Sonetos” ou “Sonetinos”, ou se alternava com fotos ou gravuras, que apareciam em páginas inteiras. Pequenas poesias eram publicadas em meio a outras seções, pois, sempre, o nome em destaque era o da própria poesia, assinada por autores como Gomes Cardim, Carvalho Aranha, Themudo Lessa e Oscar Brisola, dentre outros.

Os contos também eram muito publicados. Apareciam de maneira dispersa e sem um nome específico da seção ao longo da revista. Existiam também os contos na seção infantil e em épocas especiais como as do Natal. A seção *Livros e Autores* possuía espaço pequeno na revista, além de não aparecer em grande parte dos exemplares. Uma coluna que oscilava muito, publicada poucas vezes, denominada *Artes e Letras*, trazia notas sobre exposições de artes, novos livros e peças de teatro.

Os autores com trechos de seus textos publicados em *A Vida Moderna* ou que foram alvo de referência por meio de homenagens, poemas ou notas são: Camões, Vieira, Garrett, Herculano, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão.

À vista do que foi comentado acerca dos dois periódicos publicados na cidade de São Paulo_ *O Estado de S.Paulo*, *A Vida Moderna* _ a recepção da literatura portuguesa estava sintonizada com os autores canôni-

cos _ Camões, Padre António Vieira, os da primeira metade do Século XIX (Garrett, Alexandre Herculano) e os da segunda metade, a Geração de 70, (Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro, Antero de Quental).

Pensando no público leitor brasileiro, pode-se concordar com Jauss (1984, p.81). quando diz que “[...] a História da Literatura é um processo de recepção e produção estética que se efetiva na atualização de textos literários realizados pelo **leitor**, que os conhece; pelo escritor que se transforma, por sua vez, em produtor, e pelo crítico que reflete sobre tudo isso.”

Tomado essas verificações e reflexões, pode-se concluir que se o leitor desses periódicos atualiza, pela leitura, textos românticos da primeira metade do século XIX, nos inícios do século XX, momento pré-modernista brasileiro, verifica-se que o cânone estético vai sendo elaborado, à medida que a obra se situa entre o texto e a subjetividade daquele que o recebe.

Confirma-se, assim, a integração da literatura e dos escritores portugueses referidos à comunidade da cidade de São Paulo, que, neste período tem a literatura ajustada ao sistema oficial (jornais, salões, academias, correntes de opinião), à ordem burguesa tradicional conforme os padrões da classe dominante, passando a literatura a ser um elemento da ordem social. Diz Antonio Candido “[...] talvez nunca tenha havido em S.Paulo uma coincidência tão grande entre a inspiração dos criadores, o gosto do público, a aprovação das elites.” (1975, p.159).

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a literatura/cultura portuguesa, participou da vida social e intelectual, contribuindo para as formas de sociabilidade na caracterização

das diferentes etapas da literatura brasileira em São Paulo. (Cf. op. cit, p.142).

4. Bibliografia

BOSI, Alfredo (1967). *A literatura brasileira: o pré-modernismo*. 2.ed. São Paulo: Cultrix, v.5.

A Vida Moderna (1907-1922). São Paulo.

BROCA. Brito (1956). *A vida literária no Brasil-1900*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura.

CALDEIRA, Jorge. Julio Mesquita, fundador do jornalismo moderno no Brasil. In: MESQUITA, Julio (2002). *A guerra (1914-1918)*. São Paulo: Terceiro Nome, v.1 p.21-33.

CANDIDO, Antonio (1975). *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 4.ed. rev. São Paulo: Nacional.

CATÁLOGO de literatura portuguesa. Assis, 2006. Disponível em: www.cedap.assis.unesp.br/publicacoes/literatura_portuguesa/literatura_portuguesa.html. Acesso em: 19 abr.2008.

DEL FIORENTINO, Teresinha Aparecida (1982). *Prosa de ficção em São Paulo: produção e consumo (1900-1922)*. São Paulo: HUCITEC; Secretaria de Estado da Cultura.

FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. *A literatura portuguesa em periódicos paulistas (O Estado de S.Paulo e O Pirralho)* no período pré-modernista brasileiro

- (1900-1922). In: OLIVEIRA, Ana M. Domingues; ESTEVES, Antonio Roberto; CAIRO, Luiz Roberto Velloso (org.). *Estudos comparados de literatura*. Assis/SP: UNESP/Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005.
- FREITAS, Affonso A.de (1915). *A imprensa periódica de São Paulo: os seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Tipografia do “Diário Oficial”.
- JAUSS, Hans Robert (1994). *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática.
- MARTINS, Ana Luiza (2001). *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp:Imprensa Oficial de São Paulo.
- MORAES, Juliana Lopes (2007). *A vida moderna (1907-1922), o periódico-vitrine da cidade de São Paulo: tempos de modernidade com um leve toque português*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras)- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Assis.
- MÜLLER, Fernanda Suely (2007). *Ruptura ou tradição? A crítica e a literatura portuguesa em O Estado de S.Paulo no pré-modernismo brasileiro: 1900-1911*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- O Estado de S.Paulo* (periódico). 01 jan.1900 – 31 dez. 1922.
- RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G (1995). *Dicionário de comunicação*. 2.ed. São Paulo: Ática.
- SODRÉ, Nelson Werneck (1966). *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- ZILBERMANN, Regina (1989). *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática. (Fundamentos, 41).